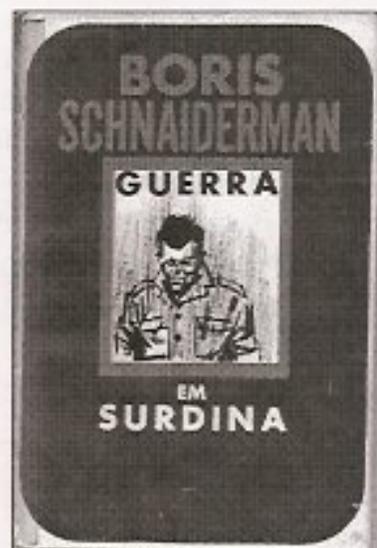


Nos Quadros da Memória*

JERUSA PIRES FERREIRA

Professora da ECA-USP e do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-São Paulo, onde dirige o Núcleo de Poéticas da Oralidade



Schnaiderman, Boris,
Guerra em Surdina / Boris Schnaiderman
São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, 219 p.

A Segunda Grande Guerra esteve presente na Literatura Brasileira e sabemos que vários romancistas como Valdir Magalhães Pires (Sangue e Amor na Neve), Moacir Lopes (Maria de Cada Porto) e cronistas como Rubem Braga (Com a FEB na Itália) e Joel Silveira (Histórias de Pracinhas e Alguns Fantasmas) são exemplos de autores e narrativas sob o impacto desse acontecimento. Brito Broca, em alguns de seus artigos tratou de A Guerra na Literatura Brasileira. Também na Literatura de Cordel

a guerra foi esta forte presença, passando para o repertório do sertão alguns dos seus motivos, determinadas imagens como a famosa “cobra fumando”.

Isto sim é que é pátria. Comer um bife desses e depois morrer.

Democracia e Liberdade eram palavras com sentido diverso em minha boca.

Realmente eu não conhecia *Guerra em Surdina*, livro de Boris Schnaiderman cuja primeira edição saiu há vinte anos atrás, e que agora recebe nova e oportuna embalagem da Brasiliense. Para quem conhece de perto o seu autor, o crítico e tradutor, o livro é uma surpresa, revela o

* No ano de 1985 escrevi uma resenha para *Guerra em Surdina* de Boris Schnaiderman (São Paulo: Brasiliense, 1985, 219 p.), a ser publicada nos Cadernos de Jornalismo e Editoração – ECA/USP. Em seguida, me casei com B. S. e achei, na ocasião, que esta publicação seria imprópria. Recentemente, na arrumação de textos, escritos, papéis, encontrei-a e comuniquei ao colega historiador Paulo Miceli, que sugeriu sua publicação. Agora, depois de tantos anos, sinto-me totalmente à vontade para fazê-lo.

De *Guerra em Surdina* houve as seguintes edições:

1ª – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

2ª – São Paulo: Brasiliense, 1985.

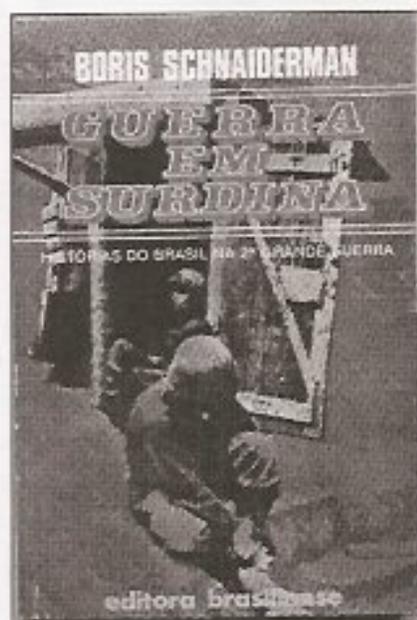
3ª – Idem, 1995.

romancista escondido nas páginas de um diário, o memorialista numa narrativa romanceada, e sobretudo uma forma muito natural de contar os fatos, uma graça de quem reuniu muitos detalhes e os lança nos quadros de uma memória inventiva. O segredo deste livro é exatamente revelar coisas e situações mais simples, com o encanto de um observador arguto, sem deixar de lado a perplexidade e a abordagem de grandes temas. Presentes muitas inquietações, com o tratamento grave que requerem situações-limite: o trágico, o patético. O autor questiona, sempre que pode, noções solenes como coragem, audácia, ideal. E, em tudo isso, se vai tecendo uma crítica da vida cotidiana, num ritmo contínuo, uma construção que se vai gerando a si mesma, no corpo dos acontecimentos. Constroem-se diálogos, com a perfeição e a santa paciência de: *Preciso comprar cigarros. – Não pode. – Preciso ir ver meu pai. – Não pode. – Preciso telefonar. – Tem telefone público no quartel. – Mas eu não tenho um quatrocentão dos antigos. – Paciência, não pode. Não pode, não pode, não pode.*

É como se fosse sendo montada toda uma etnografia desta guerra, os utensílios, a perfeita descrição dos objetos, o conjunto das expressões populares. *Houve convocados provenientes das casas mais abastadas e que tentaram evitar esta fusão no mundo dos soldados, com suas características nitidamente populares e concluí que manso e malandro o praça acabava levando para seu ambiente o doutorzinho, imprimindo-lhe sua própria feição, fazendo-o usar sua língua, adotar os seus costumes.* Foram captados pelo autor a festa de São Pedro, os famosos biscoitos do tipo come um vomita cinco, as cantigas e expressões tradicionais, a colocação de personagens como o praça que tinha vocação para lavadeira, o Doutor Beija Flor, João Valentia, tipos representados com tão grande vivacidade.

Mas há também o tom épico e a construção perfeita da cena do embarque dos pracinhas no trem que os iria levar. O monstro que estava à

espreita no cais engoliu numa noite 5.075 homens... As narinas habituaram-se ao cheiro e os olhos afizeram-se à paisagem estranha de uma escada meio torta, de ângulos e esquinas, um mundo intrincado à feição das prisões de Piranesi, e que se espriava nos quatro andares no bojo do monstro cinzento. A beleza trágica da Ronda, em seu ritmo e no questionamento do herói, que possibilita a presença marcada do escritor. Por tudo isso é que não se consegue parar de ler, é que se mantém muito presa a atenção a um relato que, além de ser a história vivida e cotidiana de um conflito mundial e de uma aventura desesperadora, é a das inquietações e dos espantos, das relações entre pessoas, classes, nações e ainda muito mais. A desmitificação de conceitos abstratos e a instalação concreta de atos e gestos – uma etnografia que não prescinde da captação do homem em seus impasses.



Capa da 1ª edição